

## TRADIÇÃO: UMA VOZ DE MUITAS ÁGUAS

Anderson de Souza Frasão

Aluno do PPGL *lato sensu* da Universidade de Pernambuco – *Campus Garanhuns*

[andersonfrasao@hotmail.com](mailto:andersonfrasao@hotmail.com)

A narrativa curta “Chuva: a abensonhada”, do escritor Mia Couto, expressa à significação da chuva na cultura moçambicana por dois vieses: ocorrência de um efeito climático subsequente ao prologado estio e a realização do sagrado, em resposta aos rituais oferecidos pelo povo.

Apresentando-se anteposta a dois pontos – sinal responsável por esclarecer ou elucidar uma passagem anterior – e a combinação lexical *abensonhada*, o vocábulo chuva apresenta uma carga semântica bastante significativa, pois demonstra a ocorrência de um evento abençoado, que efetiva a realização de um sonho.

Ao iniciar a leitura dessa narrativa nos deparamos com o narrador-personagem contemplando pela janela a chuva que cai há três dias, refletindo a respeito da saudade que esta lhe fazia, sobre a prolongada seca que personificava a miséria daquele lugar e indagando se a reconstrução da alegria do seu povo ainda tinha cabimento. Entretanto, com a chegada da chuva, à pobreza daquele lugar começa a ganhar variedades de belezas.

É possível verificar na narrativa estudada, a partir da atribuição de valor à chuva, uma preocupação com a manutenção dos valores ancestrais africanos em presença da modernidade, pois enquanto o narrador-personagem a compreende como um mero acontecimento climático, e lá fora os charcos se abarrotam, sua tia, Tristereza, faz seus afazeres domésticos e tenta convencê-lo de que “a chuva não é assunto de clima mas recado dos espíritos.” (COUTO, 2009, p. 61).

O narrador parece não conferir credibilidade às crenças, as simbologias e aos rituais sagrados. Sua tia, Tristereza, não entende o desvio em relação aos costumes provindos da tradição, o “não se sujeitar as aparências”. Porém, ele também não se apresenta alheio ou mesmo ingênuo em presença de tais práticas, haja vista que, nas suas palavras, a tradição é uma indumentária bastante evidente.

O diálogo entre as personagens continua. Enquanto Tristereza alisa os lençóis e puxa outros assuntos, atribui à ocorrência das chuvas as rezas e as cerimônias oferecidas aos antepassados. Segundo ela, agora que a guerra em Moçambique estava parando, as chuvas podiam recomeçar, pois a seca, que a todos castigava durante anos, era uma manifestação dos deuses, como castigo.

Como bem observou Amadou Hampaté Bâ (1982), há na tradição africana, de modo geral, *uma visão religiosa do mundo*, pois nela o visível é um sinal concreto do invisível e vivo, que se constitui de forças em constante movimento. Nessa unidade, tudo se interliga de forma solidária, de modo que sua violação provoca um desequilíbrio que afeta a todos.

Diante disso, constata-se que a guerra efetiva uma cisão entre os “dois mundos”, pois contraria a vontade dos deuses e perturba a unidade entre os seres. No entanto, cabe salientar que, no âmbito dessa narrativa, ela – a guerra – é retratada já nos seus momentos finais, quando Moçambique passa por um processo de “purificação”. Veja-se na fala da personagem Tristereza: “- *Nossa terra estava cheia do sangue. Hoje está ser limpa, faz conta é essa roupa que lavei. Mas nem agora, desculpe o favor, nem agora o senhor dá vez a este seu fato?*” (COUTO, 2009, p. 62). (Grifos do autor).

Na citação acima, corroboramos o pressuposto de que a literatura nos remete à realidade, haja vista que por longos anos a guerra vinha castigando toda Moçambique. Após um processo colonização ferrenho ao qual esse país foi submetido, instalou-se a guerra civil, que durou dezesseis anos e matou um milhão de pessoas. Assim, longe de ter a função de representar tais fatos, a presente narrativa remete a eles. O próprio autor declara em nota de abertura de *Estórias abensonhadas* que tais textos lhe surgiram depois da guerra. Note-se:

Por incontáveis anos as armas tinham vertido luto no chão de Moçambique. Estes textos me surgiram entre as margens da mágoa e da esperança. Depois da guerra, pensava eu, restavam apenas cinzas, destroços sem íntimo. Tudo pesando, definitivo e sem reparo.

Hoje sei que não é verdade. Onde restou o homem sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo. Esse sonho se ocultou no mais inacessível de nós, lá onde a violência não podia golpear, lá onde a barbárie não tinha acesso. Em todo este tempo, a terra guardou, inteiras, as suas vozes. Quando se lhes impôs o silêncio elas mudaram de mundo. No escuro permaneceram lunares.

*Estas estórias falam desse território onde nos vamos refazendo e vamos molhando de esperança o rosto da chuva, água abensonhada. Desse território onde todo homem é igual, assim: fingindo que está, sonhando que vai, inventando que volta* (COUTO, 2009, p. 7). (Grifos nossos).

Narrar a guerra não é o foco pretendido – muito embora que, para a compreensão do todo, ela seja bastante significativa –, mais sim explicitar a capacidade que esse povo tem de se reerguer, de fazer brotar forças em meio ao caos, contando sempre com o auxílio dos seus ancestrais e dos seus deuses. Para Mia Couto, tais forças resultam dos sonhos. Sonhos esses que, na nossa compreensão, amalgamam-se aos valores, as crenças e ao respeito à tradição.

Na especificidade de “Chuva: a abensonhada”, a chuva é símbolo de evento transcendental, pois é ação dos deuses. Porém, sabemos que nas comunidades tradicionais, de modo geral, a natureza representa um elo entre os deuses e os homens.

É bastante peculiar o modo como Tristezza se refere a seu interlocutor, usando um tratamento respeitoso, desculpando-se, chamando-o de senhor, pondo em evidência uma suposta falta de intimidade entre ambos, haja vista que, nas comunidades que se valem da tradição a educação delega aos jovens respeito aos mais velhos, pois estes são portadores dos saberes que vêm sendo acumulado e transmitido durante os tempos; é justamente assim que se dá a perpetuação do saber nas comunidades tradicionais africanas. Porém, como é sabido, em virtude da modernidade esse pressuposto vem se alterando.

Referindo-se à preocupação do poder colonial em “remover as tradições autóctones” a fim de implantar as suas concepções sociais, ideológicas e culturais,

Amadou Hampaté Bâ (1982, p. 211) nos informa que, depois da última guerra, a educação “moderna” recebida pelos jovens “criou um verdadeiro fenômeno de aculturação”. A tal ponto que, *a geração dos grandes depositários* da tradição oral vive seus momentos finais.

Mia Couto, em uma entrevista, versa sobre a posição na qual se encontra os velhos em África. Note-se:

A idéia de que, em África, os velhos são sempre respeitados resulta de uma mistificação. Isso nem sempre sucede, mesmo em sociedades que não foram desarrumadas pela colonização. Subsiste na visão sobre a África ainda uma ideia cor-de-rosa, certa romantização do “bom-selvagem”. Mas é verdade que, em certas sociedades – e muitas delas estão vivas em Moçambique – o lugar dos mais velhos é fonte de prestígio e saber. Não são todos os mais velhos. A idade deve ser cruzada com a linhagem, a família, o sexo (geralmente, a mulher é excluída desse pedestal). Essa tradição está sendo reconstruída pela atualidade. A modernidade africana convive de modo atribulado com isso que chamamos de tradição e está refabricando rituais e crenças. Mas isso sucede num universo em que a miséria absoluta vai corroendo aquilo que antes era dominado pelo respeito. Num mundo ajoelhado perante a mercadoria, sucede na África aquilo que sucede em outros continentes: velhos, crianças estão desvalorizados porque produzem pouco e compram ainda menos. (ZARUR, 2007, p. 6).

É certo que, nas comunidades que se valem da tradição, os velhos ocupam lugar de prestígio por serem mestres, mas veja que o respeito à tradição é abalado em presença dos estímulos provindos da modernidade, a partir de uma ótica consumista que apregoa que a “cidadania” só se efetiva, de fato, quando há produção e consumo. Ainda sobre isso, talvez também seja importante termos em mente que as identidades culturais

não são blocos rígidos e fixos, mas passam por contínuos processos de modificação. À vista disso, o sociólogo Boaventura de Souza Santos nos diz que:

Mesmo as identidades aparentemente sólidas, como a de mulher, homem, *país africano*, país latino-americano ou país europeu, *escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constantes processos de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso* (1995, p. 119). (Grifos nossos).

Sendo questionada acerca da quantidade excessiva das chuvas, Tristereza evidencia sua sapiência: “[...] *a água sabe quantos grãos tem a areia. Para cada grão ela faz uma gota. Tal igual a mãe que tricota o agasalho de um filho ausente.*” (COUTO, 2009, p. 62). (Grifos do autor). Isso é bastante curioso, pois dar conta do conhecimento da tradição é uma atribuição que, na maioria das vezes, é delegada aos homens. Poderíamos intuir que mediante a ausência dos homens conhecedores da tradição no seio dessa família ou mesmo em decorrência da modernidade, essa personagem tem a “obrigação” de transmitir os saberes, pois “O grande problema da África tradicional é, em verdade, o da *ruptura da transmissão.*” (BÂ, 1982, p. 211). (Grifos do autor).

Logo adiante Tristereza parece criticar os acordos de paz estabelecidos em Moçambique, à institucionalização do pluripartidarismo que se deu na década de 1990 (COSTA & CASSEB, 2009), pois, para essa personagem, “A Paz tem outros governos que não passam pela vontade dos políticos.” (COUTO, 2009, p. 62). Compreende-se, aqui, que para os povos que participam da tradição, a paz não é mero usufruto de acordos, mas se realiza na vontade dos deuses.

Diante disso, percebe-se a grandeza que permeia a tradição, pois nela

[...] o espiritual e o material não estão dissociados. [...] Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. (BÂ, 1982, p. 169).

Voltando à narrativa, mais uma vez é possível comprovar que o narrador demonstra certa sensibilidade em relação à tradição, mas não compartilha integralmente dos seus pressupostos, se vendo impossibilitado de neles “tocar”. Veja-se: “Tristereza olha a encharcada paisagem e me mostra outros entendimentos meteorológicos que minha sabedoria não pode tocar” (COUTO, 2009, p. 63). Perceba-se que tais palavras configuram respeito à diferença, demonstrando a alteridade, pois, se por um lado o narrador compreende as chuvas como fenômeno meteorológico, por outro não nega a compreensão da sua interlocutora que se dá por outras vias. Entretanto, conforme Tristereza, não é possível se apresentar contrário ao que se é, pois “Um pano sempre se reconhece pelo avesso” (COUTO, 2009, p. 63).

Tristereza continua. Apontando para as volumosas nuvens, explica que há no céu peixes e caranguejos que sempre acompanham a água e que, tais bichos, sempre caem com as tempestades. Diante da incredulidade do narrador-personagem sobre a existência desses seres, ela os atesta dizendo que na sua casa tais animais já caíram. Fingindo acreditar, ele interroga sobre quais são os tipos de peixes, porém ela nega a possibilidade de nomeá-los.

Cabe aqui elucidar que Tristereza simboliza o mundo mitológico de Moçambique, de modo que,

Na sua ideia, seriam necessárias *sagradas palavras* que não têm lugar na linguagem humana (*não cabem em nossas humanas vozes*). Por esta razão, estas *sagradas palavras* simbolizam uma indizibilidade mística; as *humanas vozes* pelo contrário simbolizam a insuficiência da linguagem humana.

Os peixes sem nome exprimem a experiência subjectiva do mundo e respectivamente mitológica, o que na sua particularidade não é transmissível mediante a língua. (MÜNSTER, 2009, p. 168). (Grifos do autor).

Com isso, fica muito mais claro o respeito à tradição e demarcada às incumbências dessa personagem, que age como uma espécie de “guardiã” dos valores e crenças da tradição.

Maria Nazareth Soares Fonseca e Terezinha Taborda Moreira (2007), parecem versar sobre tais questões ao dizer que o leitor de Mia Couto é levado a confrontar situações que fazem intercessão entre a realidade e o onírico, o mundo dos mortos e dos vivos, dos feiticeiros e do sobrenatural, como a situação acima retratada. E mais: que recorrem em suas narrativas temáticas que versam sobre os desajustamentos sociais, econômicos e culturais vividos em Moçambique, principalmente durante e depois da guerra civil. Veja-se, por exemplo, o caso do narrador-personagem que “não se sujeita às devidas aparências” assemelhando-se a “[...] *um bicho à procura da floresta*” (COUTO, 2009, p. 62-3). (Grifos do autor). Nesse sentido, as palavras do historiador Joseph Ki-Zerbo parecem ser bastante pertinentes, pois elucidam o “deslocamento” vivido personagem-narrador: “um povo sem história é como um indivíduo sem memória, um eterno errante” (KI-ZERBO *apud* MUNANGA, 2005, p. 16).

Depois de acabar seu serviço, Tristereza se despede. Enquanto vai fechando as portas, dentro de sua alma tomba uma tristeza; o narrador tem consciência que a culpa é dele. Antes de sair ele a chama: “*Tristereza, tira o meu casaco*”. (COUTO, 2009, p. 64). (Grifos do autor). Ela é iluminada de espanto. Enquanto vai despindo o cabide e tirando o casaco, a chuva vai parando, restando apenas uns poucos pingos nele. Ela orienta: “*não sacuda, essa aguinha dá sorte*”. De braços dados, seguem pisando os charcos, repletos de felicidade, como “meninos que sabem do mundo a alegria de um infinito brinquedo” (COUTO, 2009, p. 64).

Como é possível perceber na narrativa analisada, a chuva exerce papel singular, pois lava as mazelas deixadas pela guerra, limpa a terra, representa uma benção dos deuses, pois atribui beleza e vida ao chão do lugar.

Tristezza também pede respeito a seu interlocutor, para que ele possa estar de acordo com a festa de Moçambique, pois, findada a guerra, uma nova fase se inicia; fase sonhada e que, agora, representa a benção dos deuses. Constatase o seu desejo em fazer que o narrador compreenda os sentidos que emanam da chuva, segundo a tradição, fazendo-o vestir a indumentária para comemorar essa festa. Indumentária essa que representa a tradição cultural moçambicana. Ele, por sua vez, questiona-se por qual razão se desvia da tradição e sua tia “se aceita interior”. E logo lança a possibilidade de que “Talvez por pertencer mais ao mundo, Tristezza não sinta, como eu, a atracção de sair” (COUTO, 2009, p. 6).

Assim, após emprendermos essa análise, verificamos que há nessa narrativa um embate bastante significativo entre aquilo que se chama tradição e modernidade. As suas duas personagens parecem ocupar posições distintas, pois, se de um lado Tristeza representa os valores e saberes tradicionais, por outro o narrador-personagem não se demonstra compartilhando desses pressupostos, mas dos provenientes da modernidade.

Diante disso, é possível constatar que, além de desenvolver uma estética literária que recria a própria linguagem, Mia Couto “funde sua dicção lírica, que busca recuperar a ternura perdida em meio aos sofrimentos pela guerra, com olhar crítico sobre a realidade do país” (SECCO *apud* SARMENTO, 2009, p. 2), uma Moçambique devastada pelo horror da guerra, mas que intenta renascer das cinzas e expandir suas belezas, construindo a tão almejada nação.

## REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampaté. “A tradição viva”. In: **História Geral da África I: Metodologia e Pré História da África**. 2ª ed. rev. Ed. Joseph Ki-Zerbo. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.

COUTO, Mia. “Chuva: a abensonhada”. In: \_\_\_\_\_. **Estórias Abensonhadas**. 9ª ed. Lisboa: Caminho, 2009, p. 59-64.

COSTA, Cláudia Silvania da. & CASSEB, Maria José Bueno. “Modernidade X Tradição, a questão dos rituais no processo de cura em Moçambique – ensaio”. **Revista Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, São Paulo, a. 4, n. 7, 2009, p. 134-153.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. “Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa”. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. (Org.). **Cadernos CESPUC de Pesquisa - Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007, v. 16, p. 13-72.

MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MÜNSTER, Morton. “Criação idiomática na obra de Mia Couto. Uma aproximação ao indizível”. **Limite**, Espanha, v. 3, 2009, p. 159-170.

SANTOS, Boaventura de Souza. “Modernidade, identidade e a cultura de fronteiras”. In: \_\_\_\_\_. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 4ª ed. Porto: Afrontamento, 1995, p. 119-137.

SARMENTO, Alexsandra Loiola. “A travessia entre a tradição e a modernidade: o renascimento dos valores africanos na obra *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra*, de Mia Couto”. In: **Anais do III Encontro de Professores de Literaturas Africanas: pensando África – Crítica – Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, 2008, p. 1-7.

ZARUR, Cristina. “O prazer quase sensual de contar histórias – Entrevista com Mia Couto”. **O Globo**, Caderno Prosa & Verso, nov. 2007, p. 6. Disponível em: <http://flip2007.wordpress.com/2007/06/>. Acesso: 18 de set. de 2012.